

LITERATURA INFANTIL, CONTOS CLÁSSICOS E QUESTÕES SOCIAIS - UM OLHAR À LUZ DE “JOÃO E MARIA” (SOBRE A COLETA DOS IRMÃOS GRIMM)

Lucas Reis de Souza¹
Joabson Limas Figueiredo²

Introdução

Este ensaio tem como premissa a compreensão e delineamento de como se dá a literatura infantil, bem como o modo de elaboração dos contos clássicos. Em seguida, será analisado o conto “*João e Maria*”, sob a coleta dos irmãos Grimm, com olhar atento às relações estatais e o entrelaço com “*Vidas Secas*”, do canônico Graciliano Ramos, com vistas a elencar um traço de comparação entre as obras literárias, além de tecer críticas e comentários a respeito da representação do abandono nos contos maravilhosos e a comparativa com o social.

De início, é importante compreendermos que a literatura infantil se constrói - como outras literaturas - seguindo processos estéticos, literários e objetivos de alcance, considerando o nível de habilidade de leitura que o leitor infantil esperado já possui. O autor de literatura para crianças deve optar por uma maneira de se comunicar que se adapte à idade do público-alvo, levando em consideração seus interesses e respeitando suas características individuais. Ademais, é através do envolvimento emocional e estético proporcionado por elementos fictícios e de fantasia que a literatura infantil compartilha conhecimento sobre o mundo e oferece ao leitor um meio de se identificar (Cademartori, 2010, p. 23).

Nesta perspectiva, os contos infantis são os principais propagadores dessa literatura, pois estimula no(a) leitor(a) a imaginação, ao envolver as crianças em histórias cheias de ficção e fantasia, auxiliando o desenvolvimento da criatividade

1 Graduando em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia - UNEB, campus XVI - Irecê. email: falecomlucasreis@gmail.com.

2 Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA); mestre pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural; Especialista em Estudos Literários pela UEFS e licenciado em Letras pela mesma universidade. Atualmente, é professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XVI - Irecê. email: jobdeliteratura@gmail.com.

e da imaginação; na superação dos desafios, uma vez que apresentam personagens com os quais as crianças podem se identificar, como heróis e heroínas que superam desafios e adversidades, ajudando os pequenos a lidar com seus próprios problemas e medos; são repletos de elementos mágicos e fantásticos, como fadas, bruxas, criaturas míticas e objetos encantados que cativam a imaginação das crianças e as transportam para mundos de maravilhas e aventuras; além de entrelaçar características do real com o imaginário, ajudando-os a “identificar e examinar percepções, sentimentos, fatos, situações cotidianas, formando, assim, conceitos” (Cademartori, 2010, p. 22).

1 João e Maria, Vidas Secas e Situações de Abandono Demarcadas

Compreendido as nuances que englobam a literatura infantil e os contos insólitos, vamos analisar o conto *João e Maria* coletado pelos irmãos Grimm, que narra a história de dois irmãos que são abandonados na floresta por seu pai e pela madrasta devido à fome. Eles encontram uma casa de doces, mas ela é habitada por uma bruxa canibal. Os irmãos conseguem enganar a bruxa e, finalmente, voltam para casa com tesouros roubados.

Quando se trata de contos excêntricos, *João e Maria* adere a características estruturais e narrativas que são emblemáticas dessas narrativas. Em primeiro lugar, o conto incorpora elementos mágicos, como a casa de doces que João e Maria descobrem na floresta e a bruxa que a habita, características comuns nesses contos, nos quais a fronteira entre realidade e o imaginário muitas vezes se mescla. Além disso, segue uma estrutura narrativa padrão, onde os protagonistas enfrentam desafios e perigos. Neste conto específico, os irmãos são abandonados pelo pai e madrasta na floresta e, posteriormente, confrontam a ameaça representada pela bruxa. A jornada dos personagens, seus enfrentamentos e a busca pela sobrevivência desempenham um papel fundamental nas histórias de histórias maravilhosas. Outro elemento crucial é a presença de lições éticas: a narrativa ilustra valores como a astúcia, a coragem e a solidariedade demonstrada pelas crianças diante das adversidades. Ademais, o conto também transmite a noção de que o mal é derrotado e a justiça prevalece, características que frequentemente permeiam as histórias encantadas.

Adicionalmente, é notório que as narrativas fantásticas mesclam elementos do mundo real com o imaginário, e um aspecto que desperta minha atenção na obra sob análise é a questão do abandono parental em relação às crianças. No enredo, as crianças não se perdem, mas sim são deliberadamente abandonadas na floresta como resultado de um problema social-familiar que poderia ter sido resolvido de diversas maneiras. Essa situação me faz refletir sobre a “regra” do abandono paternal que ocorre no Brasil.

Nesse contexto, em relação aos registros civis, dados da Central Nacional de Informações do Registro Civil³ revelam que, em 2020, mais de 80.000 (oitenta mil) nascimentos foram registrados apenas com o nome da mãe na certidão de nascimento. Paralelamente, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022⁴ apresenta informações preocupantes. Em 2020, houve o registro de 7.145 ocorrências de abandono de incapazes, envolvendo vítimas com idades entre 0 e 17 anos em todo o território nacional. No ano subsequente, em 2021, esse número aumentou para 7.908 casos, representando um aumento de 11,1% nas taxas por 100 mil indivíduos nessa faixa etária. Isso evidencia que, mesmo que tenha sido escrito há tempos, o conto de fadas entrelaça elementos da realidade, como o abandono parental, com o mundo imaginário, como a figura da bruxa canibal.

Evidencia-se dessa maneira que o abandono é, infelizmente, algo presente em nossa sociedade. Ao aprofundarmos as discussões em *João e Maria*, é possível notar que os adultos desempenham o papel de autoridade central na história, uma vez que direcionam/condicionam o futuro dos menores. Isso se alinha com a perspectiva de Michel Foucault (1979, p. 281), que aponta a família como o primeiro ambiente onde os seres humanos entram em contato com as dinâmicas de poder. O pai figura como o representante do Estado, especialmente à luz do sistema patriarcal que historicamente influenciou a estrutura social, ocupando a posição dominante na narrativa, mas, paradoxalmente, age de maneira passiva e negligente ao não buscar resolver o problema enfrentado e ao deixar à margem aqueles que são representativamente marginalizados, como João e Maria no conto. Essa atitude reflete a falta de responsabilidade e empatia dos pais em relação aos filhos, expondo as profundas falhas em seu papel de proteção e orientação na família.

Semelhante a isso, a obra *Vidas Secas* do brasileiro Graciliano Ramos, narra a história de uma família que fora abandonada pelo Estado, que diferente dos irmãos da historinha não possuem sorte alguma, mas que demarcam o mesmo grau de força, persistência e luta pela vida. Ambas as obras exploram o abandono, mas de maneiras distintas, e é interessante observar como essas narrativas contrastam nas ações dos personagens diante das adversidades.

Na narrativa brasileira, Fabiano emerge como um exemplo de tenacidade e resiliência em face da adversidade, embora seja incapaz de demonstrar afeto e preocupação de maneira adequada para com os filhos e a esposa. No entanto, apesar de todas as dificuldades, do problema de elucidar sentimentos humanos universais e do descaso governamental, ele permanece ao lado de sua família, lutando para garantir a sobrevivência. Sua dedicação é uma representação do forte senso de responsabilidade social-familiar que prevalece, mesmo nas circunstâncias mais desafiadoras. A obra de Graciliano Ramos, inserida no contexto do Modernismo,

3 Disponível em <https://sistema.registrocivil.org.br/portal/?CFID=24719726&CFTOKEN=a5aa582d1756e-47-D6D9D9D4-C111-20E4-42F0356E5A8ECE54>. Acesso 17/10/2023, às 21:18.

4 Disponível em <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/12-anuario-2022-as-violencias-contra-criancas-e-adolescentes-no-brasil.pdf>. Acesso 17/10/2023, às 22:42.

ênfatiza a luta do homem do sertão nordestino, buscando resgatar a dignidade e a humanidade em meio à seca e à pobreza.

Em contraste, o conto *João e Maria* apresenta uma representação bem diferente da parentalidade. O pai e a madrasta das crianças, diante da fome, escolhem abandoná-las na floresta para garantir sua própria sobrevivência. Aqui, o egoísmo dos adultos prevalece, e a falta de consideração pelas necessidades e bem-estar das crianças é evidente. Essa história ilustra a ausência de responsabilidade familiar e a falta de empatia pelos filhos.

Desse modo, o entrelaçamento entre as duas obras pode ser observado na forma como cada uma aborda o tema da sobrevivência e da família. Enquanto *Vidas Secas* ressalta a importância da solidariedade e da unidade familiar em face da adversidade, *João e Maria* pinta um quadro sombrio do egoísmo humano em detrimento das crianças.

No contexto do Modernismo, *Vidas Secas* busca retratar a realidade do sertão brasileiro e dar voz aos excluídos, destacando a força e a humanidade daqueles que enfrentam condições extremamente difíceis. Por outro lado, *João e Maria* é um conto que apesar de não ter a mesma preocupação com o retrato realista do mundo, ainda aponta para questões humanas universais, como a crueldade e a necessidade de empatia.

2 Histórias Coletas e Não Inventadas

Falando um pouco mais de conceito e teoria, os contos clássicos são coletados e não inventados, pois são um misto de narrativa popular com marcas eruditas, de modo a serem transmitidos ao longo das gerações através de narradores que contavam essas histórias de boca a ouvido. Inicialmente, essas histórias não eram registradas por escrito, mas sim compartilhadas oralmente em comunidades.

A coleta e registro por escrito dos contos fantásticos foi um processo que ocorreu quando estudiosos e escritores começaram a reconhecer o valor dessas histórias e decidiram preservá-las para as futuras gerações. Autores como os irmãos Grimm na Alemanha ou Charles Perrault na França coletaram e registraram muitos desses contos, ajudando a estabelecer as versões escritas que hoje conhecemos (por isso acrescento ao título “sobre a coleta dos irmãos Grimm”).

Assim, tais contos são coletados porque sua origem está enraizada na tradição oral e na cultura popular, e sua preservação por escrito foi uma maneira de garantir que essas histórias ricas em significados e ensinamentos continuassem a ser apreciadas e compartilhadas, como também entregá-las ao domínio burguês.

3 Valores que Cercam os Contos Maravilhosos e a Literatura Infantil

Os contos populares são de fato uma forma de narrativa que frequentemente aborda os aspectos da vida cotidiana, os valores ético-sociais e as lições de sabedoria

prática. Eles têm raízes profundas na tradição oral e muitas vezes servem como veículos para transmitir valores culturais, tradições e conhecimento de geração em geração.

A respeito disso, Nelly Novaes Coelho (2010, p. 25) afirma que os contos populares muitas vezes contrastam com as novelas de cavalaria, que eram mais associadas à aristocracia e à nobreza; contudo, enquanto as novelas de cavalaria frequentemente apresentavam um mundo de idealismo extremo, heroísmo e magia, os contos populares tendem a ser mais próximos da vida real e das experiências comuns das pessoas. Eles exploram os desafios e dilemas enfrentados pelos indivíduos, muitas vezes com uma pitada de elementos sobrenaturais ou mágicos, mas que ainda são relacionados ao mundo real.

Adicionado a isso, eram direcionados ao público adulto, pois, conforme Cademartori (2010, p. 29), não apenas tratava com sarcasmo o popular, mas ainda tematizava a morte, o pudor, a feminilidade ambígua, amarrando severidade e indulgência. No entanto, com o movimento de Contrarreforma, foi preciso editar os contos, dos quais foram retirados a violência e referência ao profano, no intuito de cristianizar e difundir os valores defendidos pela igreja católica, estando, desse modo, mais próximos das versões atuais.

Devo ressaltar ainda que se levarmos em conta as adaptações cinematográficas, haverá outros processos de interpretação e leitura dos contos, mas o intuito aqui é compreender que a literatura sofre modificações em função da tradição de quem a seleciona, surgindo como uma tentativa de justificar a própria existência de uma literatura que se possa qualificar como “boa” e digna de leitura e disseminação. Ainda assim, os contos seguem o padrão instituído na contrarreforma ao tentar condicionar o comportamento infantil, sendo necessário dizer que a literatura infantil deve buscar, ao invés de condicionar a criança, auxiliá-la nas nuances da interpretação.

Ainda em se tratando das origens da literatura infantil, é extremamente valioso elucidar que no contexto da pedagogia escolar, em contraste com a pedagogia cristã, não é uma tradição que existe desde tempos imemoriais. Sua emergência como um gênero literário distintamente direcionado às crianças foi uma resposta à evolução das necessidades educacionais e sociais. À medida que a sociedade começou a valorizar a educação formal nas escolas, houve uma demanda crescente por ferramentas educacionais adequadas para crianças. A partir disso, a literatura infantil surgiu como uma forma de “burilar e fazer cintilar os valores morais e os bons costumes que, pelas mãos de Perrault, as crianças do mundo moderno começaram a aprender” (Lajolo, 1993, p. 22). Ou seja, dentro do contexto escolar, a literatura infantil passou a enfatizar elementos retóricos persuasivos e sonoridades poéticas para prender a atenção das crianças e facilitar a transmissão de lições ditas importantes.

Nesse sentido, o conto *João e Maria* enquanto instrumento pedagógico pode ser usado para exemplificação de como a literatura infantil pode ser uma ferramenta valiosa na pedagogia crítico-reflexiva ao promover a interpretação e a

reflexão em vez de condicionar o comportamento, utilizar essa história clássica para capacitar as crianças a desenvolver habilidades cognitivas e éticas de maneira independente. À medida que os educadores utilizam esse conto e outros textos similares, eles podem criar um ambiente educacional que encoraja a curiosidade, o pensamento crítico, uma vez que apresenta dilemas morais e escolhas complexas, podendo as crianças serem desafiadas a refletir sobre as decisões dos personagens, considerar alternativas e discutir as implicações de suas ações. Esse exercício de pensamento crítico é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e se alinha com uma abordagem de ensino que valoriza a autonomia intelectual e a tomada de decisões autônomas, preparando os alunos para enfrentar os desafios do mundo com confiança e sabedoria.

Considerações finais

A análise realizada neste ensaio nos permitiu explorar a importância da literatura infantil, usando o conto *João e Maria* como um exemplo valioso. Como vimos, a literatura infantil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, estimulando a imaginação, promovendo a criatividade e transmitindo valores morais e éticos. Ela não apenas entretém, mas também educa de maneira lúdica.

Através do conto, observamos como a literatura infantil pode abordar questões complexas, como o abandono, de uma forma acessível às crianças. Esta história nos lembra que os contos de fadas muitas vezes se entrelaçam com a realidade, permitindo que as crianças identifiquem e compreendam percepções, sentimentos e desafios do mundo ao seu redor.

Além disso, a comparação com “Vidas Secas” de Graciliano Ramos destacou como diferentes autores abordam temas semelhantes de maneiras distintas, oferecendo uma visão ampla das questões sociais e morais presentes nas histórias. Enquanto Graciliano Ramos enfatiza a solidariedade e a resiliência em face da adversidade, “João e Maria” retrata um quadro sombrio do egoísmo humano.

É importante reconhecer que os contos clássicos, como “João e Maria”, são coletados e não inventados, uma vez que têm raízes profundas na tradição oral e na cultura popular. Eles foram preservados por escrito para garantir que histórias ricas em significados e ensinamentos continuassem a ser apreciadas e compartilhadas ao longo das gerações.

Por fim, é essencial entender que a literatura infantil evoluiu como resposta às necessidades educacionais e sociais, tornando-se um gênero literário distintamente direcionado às crianças. Ela não apenas condiciona, mas auxilia as crianças nas nuances da interpretação, incentivando-as a refletir sobre valores morais e éticos, como coragem, solidariedade e empatia.

Assim, a literatura infantil, exemplificada por *João e Maria*, continua a desempenhar um papel vital na educação das crianças, contribuindo para o crescimento

emocional, cognitivo e social, ao mesmo tempo em que as entretém com histórias mágicas e cativantes. É uma ferramenta pedagógica poderosa que enriquece a vida das crianças, ajudando-as a compreender o mundo e a si mesmas, ao mesmo tempo em que perpetua tradições culturais e valores fundamentais.

Referências

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*. Barueri. São Paulo: Manole, 2010.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. Tatuapé. São Paulo: Brasiliense, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LAJOLO, M.P. No mundo da leitura. In: *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 23. ed. São Paulo: Martins, 1969.

Recebido em 02 de agosto de 2024

Aprovado em 18 de outubro de 2024